

Turma! Hoje começa aqui uma nova ideia chamada NU. É um pequeno livro escrito para ser lido aqui nos stories do instagram.

Vou publicar uma página por dia até sexta e não vou deixar salvo. O conteúdo pode ser repostado, printado e republicado livremente.

Essa marca de impressão digital é para você colocar o seu dedão, também conhecido por seu nome científico polegar, e pausar o stories para que o seu tempo de leitura seja confortável.

Desde já obrigado pelos seus olhos e ouvidos!



NU

BARULHISTA



A coisa fica vazia. Que coisa? Esse troço que você tá na mão. A bóia. Isso. Fica não, se lá no meio a gente perceber que tá esvaziando, vamo pra beira. Isso não vai dá certo. Claro que vai, os caras fazem isso direto. Ques cara? Os cara da vila. A gente não é da vila. Fodas. Vai dá polícia. Vai dá é reportagem, globo e tudo mais. Sua mãe vê jornal? Vê todo dia. A minha também, meu pai gravou o fantástico da semana passada. Cê viu a menina na lagoa da pampulha? Foi isso que ele gravou. Porque a mulher jogou a criança? Sei lá, acho que foi desespero de não ter dinheiro. Fosse assim meu pai já tinha joga a família inteira lá. Sai fora, cê tá passando fome? Eu não. Então que ideia é essa? Quando eu nasci, diz minha mãe que eles estavam na merda. Quem tá na merda é a gente daqui a pouco. Pior que é. Veio as máscara? Tá aqui. Vamo passar álcool? Álcool não veio. Puta merda, como a gente vai daqui até Belo Horizonte pelo Rio Arrudas boiando sem álcool? Eu trouxe pinga.



E na noite seguinte ele a chamou em voz alta enquanto dormia. O quarto no segundo andar, a rua Cubatão vazia e o nome gritado. Como era mesmo a canção? Vamos dar as mãos, um, dois, três. Quem errar o passo perde a vez, quero ouvir todos cantando e quem desafinar cante outra vez.

Festa junina da escola Sesi em 1994, sábado. O ginásio poliesportivo ao lado da piscina, barraquinhas, bandeirinhas, não preciso explicar como é uma festa junina na escola. Na última folha de caderno de matemática, depois do nome do professor Mauro, a seguinte lista: Zombie-The Cramberries, Black hole sun-Soundgarden, Basket Case-Green Day, Self Esteem-Offspring.

Vamos dar as mãos, um, dois, três. Durante a quadrilha ele encontrou Flávio no fundo do ginásio, Gudang Garam na orelha, abrindo uma garrafa de Cortezano. Sentados numa tábua corrida com os pés enrolados na rede de vôlei. Seis goles depois estavam subindo a rua corcovado rumo a festa de 15 anos da Gabi. Você conhece ela? Eu já vi ela na padaria, mas nunca disse nem oi.



Fodas, vamo entrar dizendo que você é da sala dela. Eu? É uai. Eu sou da sala do Flavim. Fodas, vamo entrar. Da esquina da Corcovado com a Itambé já ouviam Voodoo People-The Prodigy tocando no som do pai da Gabi. Entraram dançando, ninguém precisou ser da sala de ninguém, foram recebidos com abraços pela dona da casa. Pessoal tá lá no fundo, fica à vontade gente. Ele obedeceu subindo a escada da garagem dançando. Flávio e Vitrola atrás ainda no Vamos dar as mãos, um, dois, três.

Ao lado da churrasqueira: Virgínia, mais quieta pelo falecimento recente do pai. Déia, dançando como se o chão não fosse de cimento. Laís, sentada num banquinho de plástico. Samara, irmã mais velha de Laís e única que realmente era da sala deles. Como tava a festa gente? Tava uma bosta. A gente trouxe Cortezano. Bebida de boy hein, dá um gole aí. Seis goles depois ele dançava atrás da dona da casa. O irmão mais velho de Gabi perguntou se ele queria apanhar na cara ou ia parar de graça. Ele fez que não ouviu mas parou. Seis goles depois perguntou se alguém tinha violão.



Berrou Rape me - Nirvana murcando as flores do canteiro da dona da casa. Seis goles depois mijou na calça e exibiu para o tio da Gabi, sem seguida vomitou na perna da Laís. Dá um banho nesse menino, gente! Leva ele pro chuveiro Gabi. Eu não, esse cara é doido. Laís e Samara entraram espremendo a cabeça dele no box e a água fria deu pouco resultado. Dá isso pra ele. Que que é isso? Pepsi com açúcar. Pra todo mal há cura: Laís encostada na pia olhando, olhando e sorrindo. Cara, você é uma figurinha hein? Saíram do banheiro com Nilo tocando Drain you - Nirvana no quintal. Seis goles depois, agora da mistura de glicose, ele perguntou se Laís tinha namorado. Não tenho e você? Inventou uma história de que tinha terminado um namoro no início do ano e que tinha desistido de ficar com alguém - aos 14 anos, sei - até ter sido tão bem cuidado por ela. Que papinho furado hein figurinha? Que nada, a gente devia pelo menos ficar. Cara, se você não tivesse tão doidão eu até pensaria no seu caso. Semana que vem tem o festival da juventude na igreja redonda, se não beber tanto quem sabe, legal seu tênis.



Nilo podia ter tocado Garotos - Leoni nesta hora, mas o violão estava na mão do tio, aquele que teve que olhar a calça mijada do nosso amigo, tocando Boate Azul. Eu vou no festival então. A gente conversa lá, agora tenho que ir, a Samara tem natação amanhã.

Ele sentiu um impulso terrível para levantar a mão. Parte da estratégia que tinha adotado para sobreviver à paixão repentina e no intervalo até conseguir chegar em casa cantou alto, vamos dar as mãos, um, dois, três.

A gente sabe como é uma delícia ser correspondido, ele ficou sabendo nesse dia. Abraçava o poste. Ai Laís! Beijava o orelhão da farmácia do Cláudio. Nunca tinha chegado em casa tão fedorento, mijo e álcool é uma mistura sem imagem. Domingo foi um dia de cores vivas, mesmo o cinza de junho em Parundi tinha lá suas nuances. Tinha certeza quase absoluta de que Samara apoiaria, já tinha dado até banho. Não se podia acabar com a ideia de andar de mãos dadas com Laís no recreio. Desfilar a conquista desmazelada, levantar quando o sinal soasse e buscar a rapunzel de cabelos curtinhos na sétima B.



Segunda-feira. Como qualquer garoto normal que está apaixonado, quis fazer o ritual de gel no cabelo, roupa cheirando a Confort, calça jeans rasgada limpa e corrente pendurada na calça. Não era dia de ficar mal disposto com o primeiro horário de física com a Odette Satanás, apelido secreto entre a turma do fundão.

Teve briga no recreio, Marlon e Caio nunca se bicaram e depois de um chute na coxinha de Marlon, o pau quebrou. Ele não viu, tava fumando Gudang atrás da mesa de ping pong com Flávio e Samara. Laís na excursão para o Senai, passou o recreio lá. Laís te falou alguma coisa Samara? Que que ela tinha que me falar? Uai, sei lá, ela disse que cês vão no festival da igreja. Nós vamos todo ano, uai. Ah só, tô ligado. Mas não falou nada de mim? Disse que você é um comédia. Ah só. Flávio tentou aliviar dizendo que comédia era algo bom e que também ia no festival porque a banda do irmão mais velho ia tocar. Ah só. A escola Sesi ficava no bairro Cinpa, Centro Industrial de Parundi, um complexo de galpões e poucas casas, atrás do Monte Castelo, onde ele morava e onde vomitou na perna da Laís.



Estavam construindo o Jardim Piemont, um novo complexo industrial para abrigar as empresas que já não cabiam no Cinpa. Todas as manhãs se ouvia os caminhões carregados de terra, subiam devagarinho e pela quantidade a esperança de uma terraplanagem enorme crescia. Em pouco tempo virou costume entre a turma do Monte voltar pra casa pendurados nas carrocerias. Os motoristas não se importavam, alguns diminuía a marcha para abastecer as caçambas de uniformes azúis. Richard disse que estava com os vales da mãe e que ia ter rodada dupla de Baré tutti-frutti depois da aula. Seis goles depois ele tava subindo a mesma corcovado pensando na Laís e arrotando o gás do refri. A mãe do Flávio ligou agorinha. Que que ela queria? Parece que alguém caiu de um caminhão de terra. Eita. O trem foi sério mesmo, diz ela que alguém machucou feio. Que pessoa burra, os caras deixam a gente subir mãe, não tem erro, sobe igual lesma. Pois é, mas foi na praça Itajaí, naquele pedacinho que divide a rio comprido, sabe? Sei. Ainda estava passando Capitão planeta quando o almoço ficou pronto.



Terça-feira. Protesto na porta da escola pedindo quebra-molas e para que os motoristas não deixassem mais subir nos caminhões. Flávio olhou pra ele e perguntou se já estava sabendo da notícia. Tô ligado que um burro caiu do caminhão. Foi a Laís cara, ela morreu. Seu cu. Cê tá vendo a Samara aqui? Tá vendo a Laís? Não disse mais nada, levantou e saiu andando de volta pra casa. Fez o mesmo caminho que imaginava que o caminhão tinha feito com ela em cima. Ninguém sabia, subiu sozinha, nem era caminho de casa. Passos lentos, raspando o muro do Senai, som de folha seca no solado do Bamba preto. No primeiro sinal de lágrima achou melhor não subir a Rio Comprido. Não tinha escolha, se voltasse pela Corcovado tinha a lembrança da festa da Gabi, se seguisse pela Rio Comprido tinha a última paisagem que Laís viu. Praça Itajaí, centro nervoso da juventude do bairro. Ponto de encontro dos casair, dos pixadores, dos skatistas e dos evangélicos. Ponto de desencontro, de colisão, tranco e descoberta. O Luiz Tatit diz: sempre que alguém daqui vai embora, dói bastante, mas depois melhora. E com o tempo vira um sentimento que nem sempre aflora, mas que fica na memória.



Olhou a praça, viu a marca de sangue lavada pela Dona Flávia. Além disso desdobrou a calça, olhou pro Bamba preto que ela gostava e que poderia ter pisado no pé dela dançando o som da banda do irmão do Flávio. Nunca mais bebeu Cortezano e nem Pepsi com açúcar, mas tocou muitas vezes Rape Me - Nirvana nessa mesma praça Itajaí. A mãe tirou Samara da escola, a sala fez uma homenagem na piscina, Laís era campeã intermunicipal de natação. Odette Satanás não deu aula no terceiro horário da quarta-feira, Flávio nunca mais disse o nome das duas, mas continuou - mesmo sem Samara que ensinou ele a fumar - com o Gundang aceso atrás da mesa de ping pong. Os caminhões continuaram a subir, agora mais devagar por conta dos quebra-molas. Ele sabia sempre quando cortar caminho pela Corcovado. Fazia de conta que tinha ficado com ela e que montaram uma banda cover de Green Day, devia guardar o máximo de lembranças desse futuro inventado. Fechava os olhos e respirava fundo toda vez que o carro do pai passava naquele pedacinho que divide a Rio Comprido, sabe?

Fim.

